

PERCEPÇÃO AMBIENTAL E AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DA COOPERATIVA "AGROECOLOGIA, TERRA, PAMPA E FRONTEIRA"

Laura Rosa Alves¹, Cláudio Becker², Shirley Grazieli da Silva Nascimento³, Mariana Rockenbach de Ávila⁴

RESUMO – Nas décadas recentes vem ocorrendo um processo de preocupação cada vez maior em relação aos problemas ambientais. Na agricultura, uma atividade diretamente ligada ao manejo e gestão dos recursos naturais, essa inquietação também tem integrado a ordem do dia, sobretudo quando se discute a sustentabilidade. Nesse contexto, a percepção ambiental torna-se importante ferramenta de auxílio na mudança do atual contexto socioambiental, pois representa a tomada de consciência do ser humano pelo ambiente. Os agricultores, que são os gestores dos agroecossistemas, têm um papel central nesse contexto. Assim sendo, o presente trabalho foi desenvolvido em oito unidades agrícolas familiares inseridos no Organismo de Controle Social (OCS) Agroecologia, Terra, Pampa e Fronteira, de Santana do Livramento, RS. O objetivo principal do trabalho foi compreender e verificar a percepção ambiental dos agricultores familiares agroecologistas, a partir da interação e da relação homem/meio ambiente. A metodologia utilizada neste trabalho foi qualitativa, sendo realizadas entrevistas, com aplicação de questionários semiestruturados e observação nas visitas a todos os agricultores integrantes do OCS. Após a análise das entrevistas, pode-se concluir que todos os agricultores entrevistados têm um elevado nível de percepção ambiental. Esta percepção é intrínseca às atividades agroecológicas desenvolvidas em suas unidades produtivas, que por sua vez, expressam uma relação harmoniosa com o ambiente.

Palavras chave: agricultura familiar, desenvolvimento, orgânicos, sustentabilidade.

ENVIRONMENTAL PERCEPTION AND FAMILY FARMERS: INSERTED IN THE SOCIAL CONTROL BODY AGROECOLOGY, LAND, PAMPA AND BORDER

ABSTRACT – *In recent decades, a great concern has increased concerning environmental problems. In agriculture, an activity directly linked to the handling and management of natural resources, this concern has been in the agenda, especially when sustainability is discussed. In this context, the environmental perception becomes an important helpful tool in the change of the current social-environmental context as it represents the awareness of the human being for the environment. The farmers, who manage the agro-ecosystems play an important role in this context. Therefore, the present work was carried out at eight family-farming units inserted in the Organismo de Controle Social (OCS) - Social Control Body - Agroecology, Land, Pampa and Border, from Santana do Livramento, RS. The main purpose of the work was to understand and check the environmental perception of agro-ecologists family farmers based on the interaction and the relationship man/environment. We used the qualitative methodology in the present work with interviews and the application of semi-structured questionnaires and observation in visits to all farmers members of the OCS. After analyzing the interviews it can be concluded that all farmers have a high level of environmental perception. This perception is intrinsic to agro-ecological activities carried out at its productive units, which in turn, express a harmonious relationship with the environment.*

Keywords: development, family farming, organic, sustainability.

¹ Especialista em Desenvolvimento Territorial e Agroecologia.

² Doutor em Agronomia, Professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

³ Doutora em Agronomia, Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa.

⁴ Doutora em Zootecnia, Professora substituta da Universidade Federal do Pampa. E-mail para correspondência: nascimento.shy@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Os agricultores familiares por meio de sua racionalidade são capazes de desenvolver uma percepção ambiental aguçada, oriunda da sua interação e da relação homem/natureza (Casalinho, 2004). Essa condição está, todavia condicionada por expectativas, satisfações e insatisfações, apreciações e comportamentos, julgamentos e condutas. A percepção é capaz de apresentar características que demonstram a associação dessa categoria social como local privilegiado ao desenvolvimento de agricultura sustentável (Abramovay, 1998), por sua tendência a diversificação e a integração de atividades animais e vegetais, além de trabalhar em menores escalas.

Sabe-se igualmente, que para a efetivação da sustentabilidade é necessário entender as múltiplas relações ou fluxos entre agricultor familiar e o meio (Visser, 2012; Diaz-Siefer et al., 2015). É necessário compreender como esses agricultores percebem e se relacionam com o ambiente em que vivem.

Existem alguns trabalhos (Lovatto & Previdi, 2008; Altemburg et al., 2015; Battisti et al., 2017) abordando a temática da percepção ambiental, os quais buscam não apenas o entendimento do que o indivíduo percebe, mas promover a sensibilização através de uma tomada de consciência pelo homem, de forma que este percebendo o ambiente em que está inserido aprenda a protegê-lo e cuidá-lo da melhor forma possível.

Conhecer e compreender as ações das famílias a partir de suas percepções é um fator importante para o desenvolvimento de estratégias de desenvolvimento sustentável (Giansanti, 1998). O conceito e a aplicabilidade desse termo são objeto de debate há mais de três décadas, com a existência de inúmeros desdobramentos. A definição oficial foi apresentada em 1987, pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas no documento "Nosso Futuro Comum" (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1988). Segundo esse documento, desenvolvimento sustentável é a busca do atendimento das necessidades presentes sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades.

De acordo com Leff (2001) para que possa ser materializado, o desenvolvimento sustentável necessita reestabelecer as condições de qualidade de vida e saúde das populações humanas, passando a considerar as

relações existentes entre as consequências na saúde, bem como dos fatores que estão no entorno físico e social. Segundo esse autor, os problemas ambientais são causados pela racionalidade econômica que sobrepõe a maximização do lucro à saúde humana.

No que concerne o campo prático, diversas são as experiências desenvolvidas ao longo do tempo identificadas com tais proposições. Cita-se como exemplo o caso identificado em Santana do Livramento, onde em 2015 foi formalizada uma iniciativa coletiva de apoio à produção de base agroecológica. Este grupo de produtores e apoiadores institucionais se organizam em torno de um Organismo de Controle Social (OCS), denominado Agroecologia, Pampa, Terra e Fronteira dos Agricultores Familiares de Santana do Livramento, RS.

O Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) no corpo da legislação de orgânicos abriu uma exceção quanto à obrigatoriedade de certificação dos produtos orgânicos da agricultura familiar. Porém, é exigido o credenciamento por parte do agricultor em uma organização de controle social cadastrada em órgão fiscalizador oficial. Com isso, os agricultores familiares passam a fazer parte do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos. Estes agricultores familiares podem produzir para sua subsistência ou vender seus produtos orgânicos de forma direta, em mercados locais, feiras livres e comercializarem seus produtos para a alimentação escolar (dentro do escopo do Programa Nacional de Alimentação Escolar-PNAE) ou a CONAB (Programa de Aquisição de Alimentos-PAA).

Conhecendo tal iniciativa, optou-se por desenvolver um estudo abordando a percepção ambiental das famílias inseridas nesse processo. A pesquisa foi realizada em oito unidades agrícolas familiares, produtoras de hortaliças e frutas orgânicas do município de Santana do Livramento, (RS). Estes estabelecimentos agrícolas estão localizados nas comunidades rurais denominadas: Cerro do Armour, Mangueira Colorada, Tabatinga, Estrada das Tropas, Passo do Guedes e Tafona. Todos os agricultores integram o Organismo de Controle Social (OCS): Agroecologia, Pampa, Terra e Fronteira dos Agricultores Familiares de Santana do Livramento, município do estado do Rio Grande do Sul.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo geral compreender a percepção ambiental dos



agricultores familiares que integram do Organismo de Controle Social de Santana do Livramento, verificando se existe uma relação entre a utilização de práticas agroecológicas e qualidade de vida no rural.

Para dar conta de responder o objetivo utilizaram-se algumas questões orientadoras, a saber: i) as práticas utilizadas pelos agricultores familiares auxiliam na preservação do ambiente em que vivem e sobrevivem? ii) como os agricultores familiares percebem o ambiente em que vivem? iii) O fato de receberem a certificação orgânica faz com que esses agricultores familiares tenham uma percepção ambiental diferenciada em relação ao seu entorno?

O artigo está estruturado em cinco seções. Além da seção introdutória, tem-se na sequência uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos-chave que serviram para estruturar o estudo. A terceira parte está dedicada aos procedimentos metodológicos que balizaram a pesquisa. À continuação apresentam-se e discutem-se os principais resultados obtidos. Na quinta e última seção são trazidas as considerações finais do artigo.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL, AGRICULTURA FAMILIAR E AGROECOLOGIA

Percepção é um pressuposto teórico que serve de base para substanciar as discussões trazidas neste artigo, os conceitos utilizados na análise dos dados coletados estão compostos por outro item intitulado percepção ambiental que visa direcionar o referencial ao tema central do estudo.

Atualmente, a percepção ambiental é considerada como elemento chave nas questões ecológicas por contribuir nos estudos da relação entre o ser humano e o ambiente no qual se encontra inserido. De acordo com conceitos da psicologia, a percepção ambiental vem sendo delineada em estudos científicos desde a década de 70 nas considerações sobre a crise ambiental e sobre as relações com o espaço, nossa valorização e atitude com o meio ambiente que dependem da percepção (Bach Júnior & Marin, 2007).

Segundo Tuan (1980), a possibilidade de resolução dos problemas ambientais passa necessariamente pela compreensão da visão de mundo dos indivíduos. Essa compreensão, como sugere o autor, dá-se através da apreensão da percepção das atitudes e dos valores que dirigem as energias do sujeito para um objetivo.

Essa perspectiva deixa claro que sem o entendimento daquilo que está no centro da tomada de decisão e das motivações dos atores sociais torna-se praticamente impossível dar um passo além na busca de resoluções para os crescentes problemas ambientais (McCarl, 2010).

À relação do homem com o ambiente, Tuan (1980, p.5) dá o nome de topofilia definindo o termo como: “elo afetivo entre a pessoa o lugar e o ambiente” Segundo Lovatto (2007), a percepção seria como o primeiro passo no processo de conhecimento e que dela dependem aspectos teóricos e aplicações práticas. Se a percepção é falha, os juízos e raciocínios chegarão a conclusões falhas e equivocadas.

Dentro deste contexto é necessário compreender a percepção ambiental das pessoas, desenvolvendo a sensibilidade e os juízos corretos com respeito à realidade ambiental. Nesse sentido, a percepção é um elemento indispensável para o exercício da cidadania e da gestão do meio ambiente (Altemburg et al., 2015). Levando em consideração que a agricultura é uma atividade diretamente relacionada ao manejo dos recursos naturais, vislumbra-se a necessidade de contemplar nas análises dos gestores desse processo produtivo, quais sejam: os próprios agricultores. Não obstante, é no segmento agrícola familiar que existe uma proximidade direta com a natureza e os recursos que são utilizados para desenvolver a atividade.

Assim sendo, o conceito de agricultura familiar é utilizado para descrever um grupo familiar que trabalha na atividade agrícola assumindo todas as atividades inerentes ao processo produtivo. Associa a família, a produção e o trabalho ao mesmo tempo em que modela a forma de agir econômica e social de um grupo. A agricultura camponesa tradicional é uma das formas sociais da agricultura familiar (Wanderley, 2014).

No universo da agricultura familiar há aquelas pessoas preocupadas com a produção de alimentos de qualidade e em estabelecer uma relação mais harmoniosa com o meio ambiente. Nesse conjunto encontram-se aquelas famílias dedicadas à produção de alimentos de base agroecológica (Triches & Schneider, 2010).

Um dos principais objetivos da agricultura de base agroecológica é a produção de alimentos limpos, livre de contaminantes e cultivados de forma a causar o mínimo impacto possível ao meio ambiente (Gliessman,

2000). De acordo com Leff (2002, p.37) “as práticas agroecológicas nos remetem à recuperação dos saberes tradicionais, a um passado no qual o humano era dono do seu saber, a um tempo em que seu saber marcava um lugar no mundo e um sentido da existência”. Esse sentido coevolucionário entre o homem e a natureza é uma das bases do saber ambiental, incorporado pela construção do conhecimento agroecológico.

A agroecologia, ciência que orienta o desenvolvimento sustentável no meio rural, apoiada na transdisciplinaridade, amparada no diálogo dos saberes, evidencia a importância em conhecer a percepção ambiental dos atores sociais que vivem no campo (Altemburg et al., 2015).

Diante do universo exposto a compreensão da percepção dos agricultores é um passo importante para se conhecer as relações que permeiam estas percepções e seus reflexos na subjetividade dos produtores. Por outro lado, compreender a maneira como os agricultores percebem estas diversidades é um desafio e uma maneira de favorecer a “articulação entre as ciências experimentais e as ciências humanas” (Schlindwein & D’Agostini, 1998, p.13).

Em síntese, esses foram os pressupostos teóricos utilizados para referenciar a condução do estudo. Na próxima seção apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados.

MATERIALE MÉTODOS

O trabalho foi realizado em oito unidades agrícolas familiares do município de Santana do Livramento, RS. Os entrevistados fazem parte do Organismo de Controle Social (OCS): Agroecologia, Pampa, Terra e Fronteira dos Agricultores Familiares de Santana do Livramento, município do estado do Rio Grande do Sul. Foram entrevistadas onze pessoas, três casais, cinco representantes do estabelecimento agrícola. Esse grupo de agricultores constituiu-se oficialmente em 2015, decorrente da articulação interinstitucional, que teve como principais articuladores a Emater municipal, a Secretaria da Agricultura local e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Em outubro de 2015, o OCS recebeu o reconhecimento oficial do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), recebendo, portanto, a sua Declaração de Cadastro.

A abordagem adotada para a realização do estudo foi do tipo qualitativa, por ser um tipo de pesquisa

que considera o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que corresponde a um espaço muito mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 1995).

O itinerário metodológico contemplou a realização de entrevistas, com aplicação de um roteiro semiestruturado. Além dessa ferramenta, utilizou-se um caderno de campo, observação e registros fotográficos durante as visitas nas oito propriedades. O roteiro de questões, possuindo um caráter subjetivo, abrangeu perguntas que pudessem fornecer informações relevantes para os propósitos do estudo. De posse desse instrumento de coleta de dados, foram realizadas as entrevistas. Estas foram agendadas por telefone com antecedência, e nas datas estabelecidas pelos agricultores realizaram-se as visitas às unidades produtivas. Para dar credibilidade ao instrumento de coleta de dados, realizou-se um teste piloto com um agricultor familiar agroecológico que não fazia parte da amostra selecionada. Durante as entrevistas eram lançadas as questões, estabelecido um diálogo e anotava-se aquilo que os agricultores respondiam. Cabe destacar, que algumas entrevistas foram gravadas com auxílio de um gravador, com a prévia autorização dos agricultores.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto e setembro de 2016, com duração aproximada de quatro horas para cada agricultor familiar. As entrevistas eram feitas diretamente na residência dos agricultores, proporcionaram um clima amistoso e descontraído, dando espaço para que se tecessem diferentes comentários, os quais iam enriquecendo o conjunto de informações coletadas e que foram utilizadas posteriormente para a análise dos dados e a construção dos resultados acerca da percepção ambiental dos agricultores.

Para respaldar as observações realizadas durante as entrevistas, foram realizados registros fotográficos do ambiente em si e da primeira autora com os agricultores. Neste momento foi possível observar que os mesmos sentiam-se valorizados por estarem sendo entrevistados. Pelo fato dos agricultores fazerem parte do Organismo de Controle Social (OCS), estes já estão acostumados com visitantes, algo que no nosso entendimento facilitou a desenvolvimento do estudo e a coleta das informações.

De posse dos dados iniciou-se a análise dos resultados, estabelecendo-se algumas categorias



analíticas, das quais se utiliza na apresentação dos resultados, em seção específica do artigo. As respostas foram agrupadas conforme este esquema geral, contemplando: informações gerais; intervenção do homem no ambiente natural; manejos produtivos; agroecologia e qualidade de vida. Esse método favoreceu a que se chegasse ao nível de percepção ambiental de cada agricultor familiar, bem como alcançar os objetivos inicialmente estipulados. As entrevistas também foram transcritas, mantendo fidelidade às falas, opiniões e compreensões dos agricultores. Os principais resultados são apresentados e discutidos na próxima seção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas realizadas permitiram identificar por meio dos depoimentos a percepção ambiental de cada um desses agricultores familiares agroecologistas. Esta seção está dedicada a trazer esse conjunto de elementos elucidativos.

Informações gerais dos agricultores

Visando estabelecer um perfil dos entrevistados, foi perguntada a idade dos agricultores. Os dados obtidos apontam que a faixa etária está compreendida entre 30 a 67 anos. Um dado relevante é que, embora os entrevistados possuam média de idade diferenciada todos expressaram uma preocupação considerável como meio ambiente, manifestando que buscam estabelecer uma relação harmônica com o meio ambiente.

Dos oito agricultores familiares entrevistados, três possuem as suas esposas trabalhando na unidade produtiva, algo que é relevante, pois é um diferencial importante na manutenção das atividades agrícolas na horta, na lavoura até a comercialização do produto na feira e nas atividades de comercialização para o PNAE. Nesses estabelecimentos foi possível averiguar que as mulheres têm um papel importante inclusive nas tomadas de decisões sobre os rumos das atividades desenvolvidas e na relação com a natureza.

A renda de todos os agricultores familiares é, em grande parte oriunda das atividades agrícolas. No entanto, um relatou “que a mãe recebe aposentadoria, mas ela gasta com ela mesma quase toda em remédios” (entrevista 5, 49 anos, Cerro do Armour).

Cinco dos agricultores familiares são naturais de Santana do Livramento, residem em propriedades que foram dos seus avós, ou pais passando de geração

em geração e seus sucessores em alguns casos trabalham juntos. Ficou latente como alguns percebem através das lembranças, como seus antepassados lidavam com a terra, expressando uma memória agrária de coevolução com a natureza. Dois agricultores adquiriram a propriedade trabalhando. Um deles fez o seguinte relato:

Trabalho desde os vinte anos já ajudava na lavoura no trator, fui para Mato Grosso, deixei tudo lá, voltei e segui trabalhando comprei o trator fui plantando milho com vizinhos, sociedade entre três pessoas. E com muito suor fui comprando 8 hectares e na colheita comprei o resto (entrevista 8, 67 anos, Tafona).

A satisfação de trabalhar, adquirir e cuidar da terra está muito presente na fala dos agricultores familiares. Outro agricultor começou no pátio de casa, como ele mesmo relata: Há mais de sete anos cai de paraquedas (na agricultura). Fiz uma estufa 15 metros por 8 metros, aprendi na marra, os dois primeiros cultivos perdi. No terceiro fui adquirindo experiência, buscando na internet, com um tio experiente. Foi melhorando. Vendia de bicicleta, depois de moto. Comprei a propriedade. Hoje com o PNAE comprei uma Saveiro (entrevista 7, 30 anos, Mangueira Colorada, Tabatinga).

As propriedades variam de dois hectares a 40 hectares. Em um único caso, o local de produção da horta é em outra localidade que não o da residência. Entretanto, ele pretende futuramente construir uma casa nesse local e estar próxima a horta.

Outro dado importante é que um dos agricultores não é proprietário da terra e sim arrendatário. Segundo seu relato, ele está no OCS e tem aprendido bastante. Manifestou ainda o desejo de produzir alimentos saudáveis, mas por enquanto seu sustento vem da produção leiteira.

Em relação às condições de acesso as propriedades, na maioria são boas. Alguns relataram que quando chove fica difícil o acesso.

Este é o quadro geral dos agricultores familiares entrevistados. Na sequência analisaremos os contornos em relação a sua intervenção na natureza.

Intervenção do ser humano no ambiente natural

Nas propriedades em geral já existiam árvores e eles foram plantando mais com a finalidade de sombra, lenha, ornamentação e frutíferas (para alimentação e comercialização). Segundo um dos entrevistados:

“sempre gostei muito de árvores até onde eu trabalhei plantei arvoredo: aquilo que a gente faz de coração a gente tem a recompensa. Este lema sempre tive! Hoje vendo frutas de árvores que já tinha aqui” (entrevista 8, 67 anos, Tafona). Percebe-se nessa fala que há uma compreensão importante quanto ao papel desenvolvido pela flora, neste caso as árvores.

Esse dado corrobora com os resultados obtidos por Altemburg (2015), segundo os quais os agricultores familiares agroecologistas entendem e conservam os componentes arbóreos do sistema, que além do mais são importantes elementos para a promoção da biodiversidade.

Com relação à fauna, está permanece em larga medida como antes. Houve até relatos do aparecimento de um maior número espécies nunca vistas antes, como: sapo grande (em grupos de três ou quatro), veado do campo, galinha d'água. Esse também é um indicador importante de que o manejo agrícola, nesses locais, não está reduzindo a fauna silvestre.

Foi unânime o não consumo de animais silvestres e também não permissão de caça em suas unidades produtivas. Isso demonstra um entendimento acerca da importância da fauna silvestre existente na região. Em algumas propriedades é preocupante o aparecimento do javali (espécie exótica), principalmente onde existe lavoura de milho, que é comercializado e serve também para alimento da família e das galinhas

Acerca dos recursos hídricos e a vegetação nativa, três propriedades possuem córregos e são mantidos como sempre foram: “tem vertente de dez de largo e trinta de comprimento. Tem salso, corticeiras nativas, espinhilo e pitangueira (entrevista 3, 64 anos, Cerro do Armour).” Tem árvores nativas todo fundo. De um hectare” (entrevista 1, 42 anos, Cerro do Armour). Parte dessas espécies pode ser observada nas Figuras 1



Figura 1 - Corticeiras e a vertente ao fundo. Fonte: arquivo pessoal (2016). Figura 2 - Árvores nativas junto à área de produção. Fonte: arquivo pessoal (2016).

e 2. Uma das propriedades tem em todo o seu entorno mato com água, que a família mantém, usando para a atividade produtiva a água do açude, tanto para as lavouras, os pomares e até mesmo para o lazer. Segundo a entrevistada: “no verão em dia muito quente vamos para o mato e só na ponta dá para banho, nos outros lugares é difícil de descer o mato para tomar banho, é lindo de olhar” (entrevista 8, 45 anos, Tafona).

Essa opinião demonstra que não há uma visão somente utilitarista da natureza como uma fonte de recurso. A beleza cênica e a contemplação das belezas naturais pelos agricultores é um sinal evidente de uma percepção ambiental incorporada em sua prática cotidiana.

Dois agricultores relataram que têm problemas com vizinhos que plantam soja ou em outros cultivos (ex. viticultura) que utilizam a pulverização aérea para aplicação de agrotóxicos. Um deles também comentou sobre os possíveis problemas causados pela pulverização aérea, que ocorre “constantemente”, como salientou o agricultor: “O avião fica de lá para cá. Dizem que a distância da minha horta não pega” (entrevista 2, 43 anos, Passo do Guedes). Outro relato é contundente: “Semana passada passou um avião, avisei a brigada ambiental” (entrevista 8, 45 anos, Tafona). O exposto pela entrevistada pode ser verificado por um registro fotográfico feito por ela própria e reproduzido na Figura 3.

No entorno das demais propriedades não foram relatadas atividades prejudiciais ao meio ambiente. Conforme um dos comentários: “temos bons vizinhos aqui” (entrevista 4, 45 anos, Mangueira Colorada, Tabatinga). Essa opinião está relacionada à forma de relação comum que ambos possuem com o ambiente.

Em relação ao tipo de vegetação que segundo os agricultores deveria ser protegido, todos foram unânimes

em afirmar que o campo nativo deve ser mantido. Em oposição, aquilo que pode ser usado seria: “eucalipto, pois a gente corta e ele cresce novamente, usamos como tora para fazer barreira e no inverno como lenha, é muito frio” (entrevista 8, 67 anos, Tafona).

Todos os agricultores consideram as derrubadas de árvores e queimadas como uma prática ilegal. Igualmente, a mata na beira dos cursos d’água deve ser preservada e a responsabilidade de preservá-la e plantá-las são do dono.

O campo nativo é importante para todos devendo ser preservados. Alguns relatos são elucidativos dessa questão e estão expostos no quadro 1.

A preservação do campo nativo para eles é de suma importância fazendo parte da vida deles e da natureza como um todo mantendo a continuidade das espécies da terra, homem-natureza. Existe um fator histórico por alguns herdarem as propriedades e as famílias viviam e sobreviviam no campo nativo.



Figura 3 - Registro fotográfico de avião agrícola aplicando agrotóxicos.

Fonte: arquivo do agricultor da Tafona (2016).

Quanto às leis de preservação ambiental, todos afirmaram conhecê-las. Também houve um consenso de que elas devem ser obedecidas e existem para que sejam cumpridas.

Entretanto, em alguns casos surgiram sugestões de adaptações levando em consideração algumas particularidades. Vejamos algumas sugestões dos agricultores: “mais ou menos. a lei ambiental tem que ser mais forte para os grandes” (entrevista 1, 42 anos, Cerro do Armour); “são boas, não posso entrar muito no banhado. Teriam que ser mais flexível ao pequeno agricultor” (entrevista 7, 30 anos, Mangueira Colorada, Tabatinga).

Essas opiniões demonstram que muito embora a legislação seja atendida, há uma necessidade de adequação para com a realidade da agricultura familiar. Esse dado foi identificado também por Altemburg et al. (2015), no qual cerca de dois terços dos agricultores entrevistados manifestaram algum grau de discordância sobre a legislação ambiental. A seguinte subseção está dedicada ao sistema de manejo da produção agropecuária nas unidades produtivas estudadas.

Manejo produtivo e dos resíduos

Uma primeira constatação é que na sua maioria, esses agricultores familiares, sempre plantaram utilizando as técnicas de cultivo orgânico. Na maioria dos casos por convicções ecológicas, para não contaminar o ambiente em que vivem e os produtos dos quais se alimentam. Houve relatos sobre as questões ambientais, no sentido de aproveitamento dos adubos naturais: esterco, podas, na troca de lavoura os restos ficam como adubo; esse também é um ponto motivador.

No que concerne às técnicas de manejo de insetos e doenças nos cultivos agrícolas, houve relatos de uso de métodos naturais, como o óleo vegetal de neem, folha e mamona e bolinha de cinamomo. Estes últimos, oriundos de plantas disponíveis na própria unidade produtiva.

Quadro 1 - Depoimentos dos entrevistados quanto à importância do campo nativo

Depoimento	Entrevistado
“mantém a qualidade do solo”	entrevista 1, 42 anos, Cerro do Armour
“serve de alimento para os animais”	entrevista 3, 64 anos, Cerro do Armour
“ele abriga as espécies que perpetuam durante anos e cresceram naturalmente”	entrevista 6, 42 anos, Estrada das Tropas
“conservamos o Bioma pampa, mantém ecossistemas”	entrevista 8, 67 anos, Tafona

Um dos agricultores relatou: “tenho a lavoura de inverno mais próxima da casa, e quando começa a aquecer e o solo torra, deixo descansando até o próximo inverno, e vou lá para baixo na lavoura de verão, já tenho mudas para plantar lá” (entrevista 1, 42 anos, Cerro do Armour). Esse aspecto é importante, pois demonstra uma preocupação com a vida e a saúde do solo. Conforme Casalinho (2004), a qualidade do solo é um dos principais fatores para promover a sustentabilidade dos agroecossistemas, sendo a percepção do agricultor a esse respeito, uma peça-chave no processo.

Quanto ao uso de insumos externos (fertilizantes agropecuários) todos os oito agricultores não utilizam. Eventualmente compram algum insumo orgânico, que é considerado oneroso para ser adquirido. As opiniões quanto às desvantagens do uso de inseticidas e fertilizantes químicos são bem expressivas como pode ser observado na fala do agricultor: “tinha que chamar ‘agressivos’” (entrevista 3, 64 anos, Cerro do Armour), “quando se aproveita o que é da natureza só se tem vantagem, alimento saudável para o consumo da gente e do consumidor” (entrevista 3, 64 anos, Cerro do Armour).

Com relação aos resíduos sólidos quatro agricultores levam diretamente (vidro, plástico, lata) para a coletora ANSUS (empresa responsável por esse serviço) e dois deles destinam esses materiais para as lixeiras que existem nas vias rurais (estradas) próximas as suas casas. Quanto aos outros resíduos sólidos, como podas, roçadas e materiais orgânicos, uma opinião que sintetiza o seu manejo é a seguinte: “a natureza se encarrega e restos de comida dou para porca” (entrevista 1, 42 anos, Cerro do Armour).

Com relação às infraestruturas das propriedades (espaço físico, água e esgoto) a maioria quer melhorias na luz com disjuntor mais potente para irrigar a plantação que atualmente fazem por gravidade ou com motor a diesel ou gasolina. A água das residências é abastecida por poço e das plantações por açudes ou córregos. Havendo algumas exceções como explicita o relato que segue, “tenho luz urbana trifásica, água encanada e de poço (entrevista 6, 42 anos, Estrada das Tropas). Neste caso o agricultor é privilegiado, pois vive hoje na área urbana devido ao crescimento da cidade.

A maioria dos agricultores comercializa a maior parte daquilo que produz, possuindo alguns produtos comerciais (áreas maiores), mas também diversificam seus cultivos, principalmente visando o autoconsumo.

Em relação aos produtos cultivados, há uma variação na estrutura das propriedades, somente dois agricultores plantam somente alface e ambos querem diversificar onde um já está produzindo rúcula e o outro está saindo da hidroponia para o sistema orgânico (Figura 4). Um agricultor cultiva citros e já está diversificando plantando mandioca, feijão miúdo, milho, abóbora, melancia. O desejo de seguirem diversificando ainda mais e ampliarem suas hortas e pomares foi recorrente nas falas dos entrevistados. Isso, segundo os agricultores gera mais autonomia e contribui para a qualidade de vida.

Quando perguntamos sobre mudanças do sistema de produção, não houve grandes alterações em razão na inserção na OCS, pois a maioria já plantava de forma ambientalmente correta, como mostra o excerto “Quando vem uma larva na couve não sabemos como combater, a Emater nos ajuda ensinando de maneira natural, mas não deu certo termino catando uma a uma a mão” (entrevista 1, 42 anos, Cerro do Armour).

Esse depoimento demonstra claramente como o agricultor interpreta a presença de insetos em sua área de produção e os métodos utilizados para manejá-los. A agroecologia, de alguma forma sempre esteve presente no modo de fazer agricultura dessas famílias.

Agroecologia, percepção ambiental e certificação

Ao questionar os entrevistados acerca do que entendem por agroecologia foram usadas palavras como: natureza vida mais natural, saudável. Um relato ilustra essa amplitude: “na minha visão é um estilo de vida, estar bem com fauna e flora, produzir sem veneno” (entrevista 7, 30 anos, Mangueira Colorada, Tabatinga).

Buscou-se verificar se o OCS havia interferido na organização da unidade produtiva e na mudança de percepção dos agricultores. Sobre esse aspecto identificou-se alguns aspectos muito interessantes, como por exemplo, a identificação dos locais de armazenamento dos insumos e utensílios utilizados na produção orgânica, sobretudo nas propriedades que possuem produção mista (convencional e orgânica). Na Figura 5a é possível verificar essa constatação.

Não obstante, algumas consorciações que se assemelham a sistemas agrofloretais também foram identificadas. A Fig. 5b ilustra um desses locais, no qual é possível visualizar uma série de espécies frutíferas





Figura 4 - Sistema hidropônico (à esquerda) e cultivo orgânico (à direita).



Figura 5 – a) Registro fotográfico do galpão destinado aos insumos orgânicos. Fonte: arquivo pessoal (2016); b) Registro fotográfico do sistema agroflorestal implantado pelo agricultor. Fonte: arquivo pessoal (2016).

em um pequeno espaço de área. Segundo o agricultor, essa configuração foi proposital, pois as árvores “combinam bem”. Sob a ótica ambiental, o produto orgânico favorece a diversidade biológica tendo impacto direto sobre o padrão alimentar das famílias, mantém a qualidade da água, dos solos e dos próprios produtos que serão consumidos pelo agricultor. Dessa forma, o uso racional das condições ambientais pode resultar em melhoria na qualidade de vida do agricultor e de sua família e favorecer o equilíbrio ambiental de maneira global.

O “pensar globalmente e agir localmente” tem sido uma premissa desse grupo de agricultores. Não obstante, os mesmos têm vivenciado diversos problemas ambientais como queimadas, desmatamentos desenfreados, sem controle, monocultura, lavouras com uso excessivo de venenos. Neste sentido, fica

a inquietação para este grupo sobre qual caminho seguirá a humanidade se este uso insustentável do ambiente continuar.

Dados referentes à qualidade de vida

A partir da análise dos dados pode-se inferir que todos os agricultores sentem-se valorizados com a agricultura e, mais ainda, com a produção agroecológica, que tanto serve para a alimentação de suas famílias como garantir renda e a oferta de produtos saudáveis aos consumidores.

Quando indagados sobre permanecer na atividade agrícola, sete dos agricultores já pensaram em desistir da atividade agrícola, seja por problemas climáticos (perdas nas plantações), crises financeiras ou muito trabalho. Da mesma forma, existem casos daqueles que não desistem pensando no filho assumir futuramente

a propriedade e dar continuidade ao sistema produtivo adotado, que segundo eles privilegia a alimentação saudável. Outros viram nos alimentos orgânicos uma forma de seguimento daquilo que já praticavam. Observa-se que: “é um trabalho mais natural, fico mais na natureza e na volta da família” (entrevista 4, 45 anos, Cerro do Armour); “há dois anos atrás, com as escolas estávamos bem, nós planejava o quanto tinha que plantar, se trabalhou bastante assim tinha que continuar” (entrevista 1, 42 anos, Cerro do Armour).

Um único agricultor respondeu que nunca pensou em desistir da atividade, ao contrário, manifestou que existe uma tendência cada vez mais se dedicar e persistir na agricultura. Segundo ele: “No campo é outra vida. Me sinto valorizado como profissional. Sempre quis o selo e meu sonho é fazer minha casa aqui e com certeza meu filho dando continuidade a minha profissão” (entrevista 7, 30 anos, Mangueira Colorada, Tabatinga).

A percepção ambiental destes agricultores faz com que eles valorizem o meio em que vivem e que se sintam parte deste meio. Não desistem das suas atividades agrárias pela responsabilidade e comprometimento com a preservação do meio em que vivem no entendimento destes agricultores ao conviverem com um meio preservado é o que lhes vai dar qualidade de vida.

De igual modo, ficou nítido que essas famílias por estarem em um processo de produção agroecológica possuem uma percepção diferenciada acerca da importância das demais espécies e fatores ecológicos que compõem o agroecossistema em que elas vivem e trabalham, como afirma Altemburg et al. (2015) a produção agroecológica desperta o cuidado com o ambiente, pois faz o homem entender a ligação de dependência entre ele e os recursos naturais, promovendo assim, uma relação de respeito entre homem e natureza.

CONCLUSÕES

Com a realização do presente estudo pode-se verificar que há um determinado consenso entre os agricultores familiares em relação à preservação do meio ambiente, que se expressam em suas atitudes, ações, visões, ideias, comportamentos e práticas. Mesmo o grupo de agricultores entrevistados apresentando graus diferenciados de compreensão do ecossistema e seus processos todos buscam trabalhar de forma atuar em prol do meio ambiente.

A pesquisa que serviu de suporte a construção deste artigo centrou-se em cinco eixos, quais sejam:

as informações gerais sobre as unidades produtivas; a intervenção do homem no ambiente natural; o manejo produtivo e dos resíduos; a agroecologia e a percepção ambiental e, a qualidade de vida.

No que concerne à qualidade de vida, foi nesse aspecto que mais claramente a percepção ambiental de cada um dos entrevistados se apresentou de forma mais nítida. As manifestações quanto aos sentimentos e ação com os elementos da natureza puderam ser verificados quanto à busca por uma relação harmônica nesses locais, culminando no zelo e respeito à terra e aos recursos naturais.

Identificou-se que os agricultores cuidam e preservam a fauna e a flora nativas. Também realizam o aproveitamento de quase tudo que a natureza os proporciona e de alguma maneira retornam para a mesma em forma de adubo para melhoramento do solo e das plantas ali cultivadas. O sistema adotado por essas poderia facilmente servir de alternativa para o desenvolvimento sustentável da região.

Pode-se verificar ainda que eles se sentem bem no meio em que estão inseridos, almejando que seus sucessores venham ali morar e trabalhar, mas com estruturas melhoradas para estes não virem a passar pelos mesmos limites de infraestrutura como passaram seus pais. Foi evidenciada também a preocupação socioambiental sobre quem e em que condições serão produzindo os alimentos para as gerações futuras. Ademais, o objetivo geral de compreender a percepção ambiental dos agricultores integrantes do OCS foi atendido, uma vez que foi possível aferir *in loco* as opiniões, sentido e significados que essas famílias estabelecem na relação com a natureza, de forma mais harmônica e respeitosa possível.

Finalmente, acredita-se que o presente trabalho levantou uma série de aspectos fundamentais para se pensar ações que respaldem o fazer agricultura no presente e no futuro. Não obstante, a abordagem utilizada poderá servir para a realização de trabalhos ulteriores, que poderão elucidar ainda mais o tema proposto por este estudo. Igualmente, a percepção ambiental é um aspecto mutável, que pode ser novamente averiguado em um intervalo de tempo.

Os resultados obtidos poderão vir a contribuir para que outros agricultores familiares identificados com tais premissas possam vir a adotar o sistema agroecológico de produção e a transição agroecológica,



pois existe uma tendência a que essas pessoas tenham um respeito maior pelo ambiente e busquem cultivar alimentos mais saudáveis para si e para os demais.

Cabe destacar ainda, que a percepção ambiental averiguada nesse grupo de agricultores parece ser uma condição fundamental para a consolidação de um modelo de desenvolvimento em bases sustentáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec, 3ª edição, 1998. 275p.

ALTEMBURG, S.G.N.; BEZERRA, A.J.A.; SCHWENGBER, J.E. **Percepção ambiental e agricultura familiar em rede de referência: uma análise sobre práticas agroecológicas e qualidade de vida**. 1.ed. Saarbrücken, Deutschland: Novas Edições Acadêmicas, v.1, 2015. 150p.

BACH JÚNIOR, J.; MARIN, A.A. A percepção ambiental na pedagogia Waldorf: a fenomenologia de Goethe e a teoria dos sentidos de Steiner aplicados a educação ecológica. **Olam Ciência e Tecnologia**, v.7, n.1, p.427-443, 2007.

BATTISTI, L.F.Z.; ALARCON, G.G.; FARLEY, J.; SIMIONI, G.F.. Agricultura familiar, serviços ecossistêmicos e desserviços ambientais: o manejo influencia na percepção? **Cadernos de Agroecologia**, v.11, n.2, jan. 2017. ISSN 2236-7934.

CASALINHO, H.D. **Monitoramento da qualidade do solo em agroecossistemas de base agroecológica: a percepção do agricultor**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2004. 47p.

Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Nosso Futuro Comum. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1998. 8p.

DÍAZ-SIEFER, P.; NEAMAN, A.; SALGADO, E.; CELIS-DIEZ, J.L.; OTTO, S. Human-environment system knowledge: A correlate of pro-environmental behavior. **Sustainability**, v.7, p.15510-15526, 2015.

GIANSANTI, R. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Atual, 1998.

GLIESSMAN, S.R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000. 653p.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001. 343p. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar., p.36-51, 2002.

LOVATTO, P; PREVIDI, J. A questão racial no Brasil: biologia, sustentabilidade e construção social. **Revista Ágora do Departamento de História e Geografia da UNISC**, v.1, n.14, 2008.

MCCARL, B.A. Analysis of climate change implications for agriculture and forestry: An interdisciplinary effort. **Climatic Change**, v.100, p.119-124, 2010.

SCHLINDWEIN, S.L.; D'AGOSTINI, L.R. Sobre o conceito de agroecossistema. In: III Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, Florianópolis. **Anais...** Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 1998, CD-ROM.

TRICHES, R.M.; SCHNEIDER, S. Alimentação escolar e agricultura familiar: reconectando o consumo à produção. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.19, n.4, p.933-945, 2010.

VISSER, W. **Os 50 + importantes livros em sustentabilidade**. [tradução Francisca Aguiar]. São Paulo: Editora Peirópolis, 2012.

WANDERLEY, M.N.B. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v.52., supl.1, 2014.

Recebido para publicação em 17/4/2018 e aprovado em 30/9/2018.

